

Música

Metallica e a pancada sonora do novo disco

Após hiato de 8 anos, banda lança álbum, seu 10º de estúdio, no dia 18

Thiago Mattos
ESPECIAL PARA O ESTADO
NOVA YORK

Lars Ulrich entra na sala com um palito de dente na boca e pergunta brincalhão de onde cada um de nós é. Estamos no lendário estúdio Electric Lady, em Nova York, e o baterista do Metallica chega animado para mostrar à imprensa internacional as doze canções do novo disco *Hardwired... To Self-Destruct*. O décimo álbum de estúdio chega às lojas no próximo dia 18, após um hiato de oito anos sem que a banda lançasse disco próprio. Nesse tempo, além do trabalho anterior (*Death Magnetic*, 2008), o Metallica gravou com Lou Reed (*Lulu*, 2011) e esteve ocupado com a realização de um filme (*Through The Never*, 2013).

O anúncio do álbum ocorreu no mesmo dia em que o Metallica fez um concerto para promoção do disco. Mais tarde, durante o show, o guitarrista, vocalista e letrista James Hetfield cumprimentava o público nova-iorquino. “De onde vocês são?”, perguntava e respondia a si próprio. “Somos do aqui e agora.”

Como atestou a performance, *Hardwired... To Self-Destruct* é a banda em momento único dos seus 35 anos de carreira, mostrando de onde veio e aonde chegou. Em meio a toda pressão de cada faixa no disco, dá para ouvir quatro cinquentões –

três californianos e um dinamarquês – tocando confortavelmente com raiva e precisão.

“Eu sinto que sonoramente este é o melhor álbum que o Metallica já fez”, diz o baixista Robert Trujillo em entrevista exclusiva ao **Estado**. “Eu sei que demorou um pouquinho, mas ainda há energia criativa na banda e, enquanto nossos corpos aguentarem, vamos continuar tocando e gravando. Este é um novo começo para o Metallica.”

Com letras abordando a temática conflito-perdas-vida-morte, o álbum marca uma reconexão do Metallica com suas raízes trash metal, já ensaiada no disco anterior e mantém o típico mote niilista da banda nas letras. A primeira faixa, *Hardwired*, dá o tom da pancada sonora que acompanha o resto do disco. “Estamos f.../ Sem nenhuma sorte/ Programados para a autodestruição”, diz o refrão.

“Tocar bateria para mim é como se fosse meu ticket de entrada na música. O que mais gosto é o processo criativo, a produção e a gravação do disco”, afirma

“

É demais (tocar no Brasil). Por isso que a gente sempre volta. A gente já fez mais Rock in Rio do que qualquer outra banda”
Lars Ulrich



No palco. O entrosamento de James Hetfield e Ulrich

ma Lars Ulrich, em entrevista exclusiva após a apresentação da banda, em Nova York. O baterista ensaia uma explicação sobre as músicas do novo disco mas desconfia, ainda mantendo um palito de dente na boca. “Quem sabe o que se passa na mente sombria e maluca de James Hetfield quando ele escreve as letras?”

Produzido por Greg Fidelman, que colaborava como engenheiro de som da banda há dez anos, o álbum traz o Metallica em plena forma, descendo a mão nos instrumentos para fazer muito barulho sem medo de ser feliz. Finalizado apenas duas semanas antes de seu anúncio oficial, o disco tem riffs agressivos, batidas rápidas, melodias trituradoras – é metal e é pesado.

De volta à audição oficial do álbum no Electric Lady, um sujeito vestido de preto sentado no sofá bem de frente para as caixas de som balança discretamente a cabeça com seus óculos escuros. É Marky Ramone despercebido entre a imprensa presente. “Me lembra o *Black Album*”, afirma, baixinho, o ex-baterista dos Ramones em rápida declaração ao **Estado**. “Gostei do som.”

ENTREVISTA

Lars Ulrich, BATERISTA

‘Muito do que Hetfield escreve é ambíguo’

O dinamarquês Lars Ulrich, fundador e baterista do Metallica, conversou com o **Estado** em Nova York, em entrevista exclusiva após um show da banda, que lança no dia 18 o álbum *Hardwired... To Self-Destruct*.

● **Por que o Metallica demorou tanto para lançar um novo disco?** Outras coisas entram no caminho. Passamos quase três anos viajando com o *Death Magnetic* (álbum anterior da banda, de 2008). Depois, em 2011, fizemos um disco com Lou Reed (*Lulu*, 2011) e um filme em 2012. Aí começamos esse novo disco no verão de 2014. Tocamos em alguns festivais, como Rock in Rio, Glastonbury, Orion e Lollapalooza... O tempo voa.

● **O Metallica anunciou recentemente que vai tocar dois dias em São Paulo no ano que vem. Como**

é tocar no Brasil?

É demais. Por isso que a gente sempre volta. A gente já fez mais Rock in Rio do que qualquer outra banda, e não apenas os que aconteceram no Rio. Temos uma relação de longa data com amigos brasileiros desde 1989, quando tocamos por três noites no Rio e tem sido ótimo. Nunca fizemos Lollapalooza na América Latina e os organizadores do festival foram os mesmos que fizeram o Orion Festival e são nossos amigos.

● **Sobre o que falam as letras do novo álbum?**

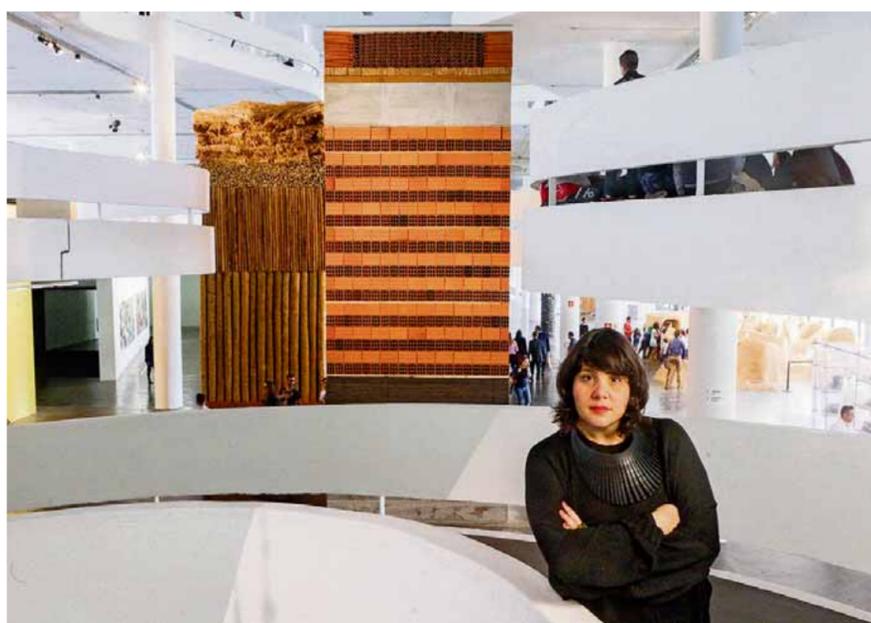
O disco é sobre o que você quiser que seja. Quem sabe o que se passa na mente sombria e maluca de James Hetfield quando escreve as letras? Muito do que ele escreve é ambíguo e fala sobre vulnerabilidade, conflitos internos e encaix

na música. Mas, na verdade, nem eu mesmo sei e tenho que passar um tempo tentando entender sobre exatamente o que ele escreve. Mas, uma vez que você compartilha arte com outras pessoas, aquilo está aberto para qualquer tipo de interpretação.

● **Como é ter Greg Fidelman assinando agora como produtor do novo disco? Isso trouxe alguma diferença no som da banda?**

Ele era o engenheiro de som do Rick Rubin (produtor de *Death Magnetic*, 2008) e escolhemos trabalhar com ele por causa das gravações que já havia feito. Basicamente, ele fez tudo o que o Metallica fez nos últimos dez anos. Então, já era hora dele se tornar nosso principal produtor, já que tem uma ideia clara de como o Metallica deve soar e o tamanho do peso, mas mantendo o som solto. /T.M.

Visuais Exposição



Torres. Lais Myrrha e vista de sua obra para a 32ª Bienal: sistema comparativo de construções

Lais Myrrha dialoga com Hirszman na 32ª Bienal

Questões sintetizadas na obra ‘Dois Pesos, Duas Medidas’, da artista, também ecoam em trilogia do cineasta

Camila Molina

Dois Pesos, Duas Medidas, de Lais Myrrha, tornou-se ícone da 32ª Bienal de São Paulo. De uma for-

ma surpreendente, a obra não se impõe pela monumentalidade das duas torres de oito metros de altura construídas no vão central que liga três andares do edifício projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer – mas pela síntese, como tão bem diz a artista, que este trabalho criado para a edição da mostra, em cartaz até 11 de dezembro, consegue carregar.

De um lado, uma das torres representa a construção indígena,

a “casa xinguna”, “método construtivo mais próximo dos índios tupi, que estavam aqui com a chegada dos europeus”, com sua base de terra batida, seu corpo de toras de eucalipto, pilhas de bambu e teto de piaçava.

Do outro, seguindo o mesmo modelo formal, ergue-se uma estrutura de concreto, ferro, tijolos e vidro numa clara referência à construção civil, popular, industrial. “Crio esse sistema vi-



Tradição. Cena de ‘Mutirão’, filme de ‘Cantos de Trabalho’

sual comparativo”, afirma Lais Myrrha – e outra camada de reflexão, ainda, é estimulada pelo título da obra. “Cada dia que eu abro o jornal, percebo que existem dois pesos e duas medidas”, continua a artista, resumindo, enfim, um momento, uma cultura – brasileira – baseada na “adoção de critérios distintos para julgar duas situações similares”, como escreve o crítico Fábio Zuker.

A criação de Lais Myrrha é, portanto, uma das presenças mais importantes desta 32ª Bienal, intitulada *Incerteza Viva*. A obra é vizinha, ainda, de outra potência da exposição, a exibição dos filmes *Cantos de Trabalho* (1975-1976), trilogia do cineasta Leon Hirszman (1937-1987). Em três curtas, o diretor documentou

uma tradição, a prática de trabalhadores de cantar durante a tapagem de uma casa (*Mutirão*) e as lavouras de *Cana-de-Açúcar* e de *Cacau*. “Observando com a câmera, Hirszman utiliza a narração em off para salientar que os cantos de trabalho nasceram da solidariedade de pessoas reunidas para executar uma tarefa comum, mas são canções em risco de desaparecimento”, descreve Guilherme Giufrida.

“O Leon tem uma visão revolucionária”, define Lais Myrrha, de 41 anos, que também produziu outra passagem especial da mostra, um texto sobre *Cantos de Trabalho* narrado por ela para o projeto *Campo Sonoro* da 32ª Bienal. Sua fala pode ser acessada por meio de um aplicativo no

local – e está disponível na internet, transformando-se em mais do que audioguia, mas em diálogo com Leon Hirszman, numa leitura sensível e contemporânea que encadeia questões de ordens diversas e amplas.

“Os cantos de trabalho não desapareceram, ainda ecoam no bater da laje que a vizinhança ajuda a construir, no ritmo dos gritos de alerta que acompanham os arremessos de tijolos de mão em mão, lembrando a Inconstância Material do tijolo, da obra, do homem. Nos cantos das lavadeiras que a voz de Clementina ecoa mesmo depois de sua partida, mesmo depois de ter deixado de trabalhar como empregada doméstica. Mas o homem na estrada, aquele que lançava os tijolos, restou mudo, anônimo, atrapalhando o tráfego. Por esses anônimos choraram e hão de chorar muitos, milhares”, narra Lais em um dos trechos do texto.

Dessa maneira, a contundência de *Dois Pesos, Duas Medidas*, que, com sua combinação de monumentalidade e “escala humana”, promove diferentes relações físicas e visuais dos espectadores com a obra no percurso do pavilhão, e da trilogia de Hirszman ecoa para além do primeiro andar do prédio, onde estão localizados, para além das rampas sinuosas desenhadas por Niemeyer que conduzem os visitantes a outros pavimentos do edifício e obras da 32ª Bienal.

32ª BIENAL DE SÃO PAULO Pavilhão Ciccillo Matarazzo. Pq. do Ibirapuera, portão 3; 5576-7600. 3ª, 4ª, 6ª e dom., 9h/19h; 5ª e sáb., 9h/22h. Grátis. Até 11/12